

TEMPO DE REVOLUÇÃO

AGOSTO DE 2023 - R\$ 5,00 - CONTRIBUA: PIX@MARXISMO.ORG.BR

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DA ESQUERDA MARXISTA, SEÇÃO BRASILEIRA DA CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL (CMI) EDIÇÃO 30

VOGÊ É COMUNISTA?



ENTÃO ORGANIZE-SE!

ACESSE [MARXISMO.ORG.BR/JUNTE-SE](https://marxismo.org.br/junte-se) OU USE O QR CODE



EDITORIAL



Fightback

Organizar a juventude que busca pelo comunismo

“Os comunistas se recusam a dissimular suas opiniões e seus fins. Proclamam abertamente que seus objetivos só podem ser alcançados pela derrubada violenta de toda ordem social existente. Que as classes dominantes tremam à ideia de uma revolução comunista! Nela os proletários nada têm a perder a não ser os seus grilhões. Têm um mundo a ganhar. PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!”
(Karl Marx e Friedrich Engels. *Manifesto do Partido Comunista*, 1848)

Há uma camada crescente de jovens ao redor do mundo que se radicaliza e busca por uma saída para o horror capitalista. Estes jovens, estudantes e trabalhadores, estão rapidamente chegando a conclusões revolucionárias. O comunismo ganha uma crescente simpatia entre eles, que são atraídos para a perspectiva de um mundo sem exploração, sem patrões, sem miséria e fome, sem fronteiras e guerras, sem preconceito e violência, de um

mundo livre de todos os elementos de barbárie que se multiplicam no decadente capitalismo.

Em 2019, uma pesquisa solicitada por uma fundação de extrema-direita nos EUA, a “Fundação em Memória às Vítimas do Comunismo”, revelou que 36% da chamada “geração Milenium” (nascidos entre 1981 e 1996) e 28% “da geração Z” (nascidos após 1996), com mais de 16 anos, tinham uma opinião favorável ao comunismo. Esse é um resultado surpreendente

vindo do país capitalista mais poderoso do mundo e com uma tradição histórica de campanha anticomunista por parte da burguesia imperialista, de seu Estado e sua mídia.

No mesmo sentido, uma pesquisa encomendada, conjuntamente pelo Instituto de Assuntos Econômicos e o Instituto Fraser do Canadá, realizada em 2022, revelou que 29% dos jovens no Reino Unido (entre 18 e 34 anos) apoiavam o comunismo como o melhor sistema econômico.

Aqui no Brasil, das buscas “o que é” feitas no Google, a pergunta que mais cresceu em 2022 foi: “o que é comunismo?”. O discurso anticomunista de Bolsonaro, em que até a Rede Globo era taxada de comunista, certamente despertou a curiosidade em saber do que se tratava afinal este demonizado inimigo. Só que, aparentemente, uma boa parcela dos jovens simpatizou com as ideias que encontraram.

Canais de “youtubers” que se identificam como comunistas crescem e

contam com centenas de milhares de seguidores. Cada vez mais temos encontrado, nas lutas cotidianas, jovens que se declaram comunistas e que desejam aprofundar sua compreensão sobre o que é o comunismo, o marxismo, o bolchevismo, o que foi a Revolução Russa e a União Soviética, ou seja, jovens sedentos por conhecimento e teoria.

O fato dessa camada crescente querer se identificar como comunistas, e não como socialistas, é bem compre-

EXPEDIENTE

Diretor de Publicação: Serge Goulart
Editor: Evandro Colzani
Diagramação: Jonathan Vitorio
Capa: Evandro Colzani

Conselho Editorial: Alex Minoru, Caio Dezorzi, Johannes Halter, Lucy Dias, Luiz Bicalho e Maritania Camargo

Comitê de Redação: André Mainardi, Bruna dos Reis, Flávio Reis, Francine Hellmann, Mariana Rosa, Michel Silva, Michelle Vasconcellos e Rafael Prata

Jornalista Responsável: Rafael Prata
MTB nº 40040/SP

TEMPO DE
REVOLUÇÃO

ensível. Ser comunista soa como muito mais radical diante da traição e adaptação de partidos e políticos que se dizem socialistas. Aqui no Brasil isso vai ainda mais longe, com o Partido Socialista Brasileiro (PSB) sendo um partido burguês que tem, entre seus quadros, o vice-presidente de direita, Geraldo Alckmin.

Um alerta a essa juventude atraída pelo comunismo é o cuidado necessário com os que falam em nome do comunismo, mas que, na realidade, tem uma política que vai na contramão da luta pela libertação do proletariado. Parte disso são as tentativas de reavivar ilusões em Stalin e no stalinismo. É tarefa dos verdadeiros revolucionários comunistas explicar o papel histórico do stalinismo, seus crimes, sua política que organizou derrotas da classe trabalhadora em diferentes países ao longo da história, incluindo o Brasil, e a destruição da Internacional Comunista fundada por Lênin e Trotsky. É preciso diferenciar as conquistas da Revolução Russa e da economia planificada, do papel reacionário da casta burocrática que, ao final, conduziu o Estado Operário de volta ao capitalismo, ou seja, sem sectarismo, expli-

car porque o stalinismo entra em contradição com as ideias, anseios e necessidades destes jovens.

Um alerta a essa juventude atraída pelo comunismo é o cuidado necessário com os que falam em nome do comunismo, mas que, na realidade, tem uma política que vai na contramão da luta pela libertação do proletariado

Você é um comunista? Então organize-se!

Todo comunista deve estar em combate pela construção do partido revolucionário e da Internacional Revolucionária. Lênin já dizia: “o proletariado tem como única arma, na sua luta pelo poder, a organização”. É a vanguarda do proletariado organizada em um partido revolucionário, verdadeiramente comunista, baseado nos princípios do marxismo e do bolchevismo, e que ganhe uma influência sobre as massas, que pode ajudar o proletariado a levar as revoluções à vitória. Sua ausência pode ter consequências trágicas.

Compreendendo o desenvolvimento do ânimo entre a juventude pelas ideias comunistas e a necessidade do combate organizado contra o capitalismo, a seção britânica da Corrente Marxista Internacional (CMI), Socialist Appeal, lançou a iniciativa de espalhar cartazes e adesivos com o seguinte slogan: “Você é comunista? Então organize-se! Junte-se aos marxistas!” e um QR Code para os interessados acessarem. Outras seções da CMI adotaram a mesma iniciativa e a CMI decidiu fazer da campanha “Você é comunista?” uma campanha internacional.

A disposição da juventude no Brasil está em sintonia com o que se passa no Reino Unido e ao redor do mundo. Esses jovens estão fazendo a experiência com o governo Lula-Alckmin e constatando que este governo de união nacional, com a participação da direita e até da extrema-direita, não pode atender às demandas fundamentais de jovens e trabalhadores. A aprovação do “arcabouço fiscal”, da “reforma tributária” e a recusa em revogar o Novo Ensino Médio são a prova disso.

A Esquerda Marxista lança agora, no mês de agosto, a campanha “Você é comunista?” aqui no Brasil, e convidamos todos os jovens que são comunistas, que gostam



Militantes da CMI atuam na campanha mundialmente

do comunismo, a se organizarem conosco. Conheça os nossos princípios e, se estiver de acordo com eles, preencha o formulário (QR code abaixo) de adesão para militar conosco.

É tarefa dos verdadeiros revolucionários comunistas ajudar os jovens, que se radicalizam, a entrarem na luta organizada contra o capitalismo, auxiliá-los em sua educa-

ção teórica e prática, para que olhem o mundo com os olhos da classe operária e baseiem sua ação na teoria marxista, nas lições históricas da luta do proletariado, no programa elaborado por Marx, Engels, Lênin e Trotsky.

Conheça a Esquerda Marxista e a Corrente Marxista Internacional!

Torne-se um comunista organizado, venha militar conosco!



SITUAÇÃO POLÍTICA E ATIVIDADE DA ESQUERDA MARXISTA

Acervo Museu da Comintern



Exemplar de 1902 do Jornal Iskra (Fáisca) editado por Lênin

Os comunistas e a imprensa operária

“Todavia, nesses dias, fomos sobretudo ativos. Não apenas estávamos na tormenta, como a alimentávamos. Tudo era feito às pressas, mas não tão mal, pelo contrário, muito bem.” (Leon Trotsky, Minha Vida)

LEVANDRO COLZANI

A história do movimento operário é farta de exemplos de jornais revolucionários. A preocupação de dialogar com a classe trabalhadora por meio da imprensa obrigatoriamente nos leva aos tempos de Karl Marx e Friedrich Engels. Em maio de 1842, Marx escreveu seu primeiro artigo para a *Rheinische Zeitung* (Gazeta Renana) criticando a censura do governo prussiano e, em outubro, tornou-se redator-chefe do jornal. No mês seguin-

te, Marx conhece Engels, que visitava Colônia e, ao retornar à Inglaterra, Engels envia uma série de artigos narrando a situação da classe trabalhadora para serem publicados na *Gazeta Renana*. Posteriormente, esses artigos juntos se tonariam a obra que conhecemos como “A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra”.

Em 1848, no calor do movimento revolucionário que varria a Europa, Marx e Engels editaram a *Neue Rheinische Zeitung* (Nova Gazeta Renana), jornal que se caracterizava por narrar em tempo real os desdo-

bramentos da Primavera dos Povos.

Lênin explica, em um artigo publicado em abril de 1914, que a história da imprensa operária russa está entrelaçada com a história do movimento democrático e socialista¹. A precursora da imprensa operária no país foi a revista *Kólokol* (Sino), editada por A. I. Herzen e N. P. Ogariov, ambos fortemente influenciados pelo movimento de cunho republicano dos primeiros revolucionários russos, os dezembristas². A revista desempenhou um papel importante no desenvolvimento do movimento democrático e revolucionário geral, na luta contra a autocracia e o regime de servidão. Diversos órgãos de esquerda surgiram desde os tempos de Herzen, mas no início do século 20 entraram em cena os jornais marxistas que jogaram um papel determinante na luta de classes: *Iskra* (A Fáisca) e *Pravda* (A Verdade).

Em dezembro de 1900 nasce o jornal *Iskra*, primeiro periódico político marxista ilegal de toda a Rússia, órgão do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR). Lênin foi o organizador e dirigente deste periódico, que em seu “cabecinho [...] exibiu uma citação da resposta dos dezembris-

tas, escrevendo ao poeta Pushkin do exílio na Sibéria: ‘Da fáisca surgirá a chama!’ Quase um século depois de terem sido escritas, essas linhas estavam destinadas a se tornar realidade”³.

Quando o *Iskra* surgiu, o POSDR era praticamente inexistente como uma força organizada e é com esse propósito, de estabelecer as bases para uma verdadeira organização revolucionária, que Lênin inicia o combate para que o jornal marxista se tornasse essencialmente um organizador coletivo:

“Um jornal, todavia, não tem somente a função de difundir ideias, de educar politicamente e de conquistar aliados políticos. O jornal não é somente um propagandista e agitador coletivo, mas também um organizador coletivo. Sobre esse último aspecto, se pode comparar o jornal com a estrutura de andaimes que envolve o edifício em construção mas permite adivinhar seus traços, facilita os contatos entre os construtores, lhes ajudando a subdividir o trabalho e a dar conta dos resultados gerais obtidos com o trabalho organizado.”⁴

A principal batalha travada pelo *Iskra* nesse período foi contra os economicistas (combate realizado também por Lênin em “O que fazer?”),

corrente oportunista que minimizava o significado da teoria revolucionária, negava o papel dirigente do partido da classe operária e se inclinava frente ao caráter espontâneo do movimento operário.

“Um jornal, todavia, não tem somente a função de difundir ideias, de educar politicamente e de conquistar aliados políticos. O jornal não é somente um propagandista e agitador coletivo, mas também um organizador coletivo”

Com a cisão do POSDR em 1903, após o 2º Congresso do partido, o *Iskra* se tornou o órgão dos mencheviques (que na prática representavam a continuidade do economicismo) e os jornais bolcheviques “que defendiam a tática do marxismo consequente, fiel ao antigo *Iskra*, foram *Vperiod* [Avante] e *Proletari*”⁵. Apesar da crescente influência dos bolcheviques no período posterior, com as enormes dificuldades impostas pela distância



Leon Trotsky no escritório de sua casa no México

e pela repressão czarista, os jornais bolcheviques não tiveram o mesmo brilho durante um momento chave da história russa que foi a revolução de 1905.

A década seguinte foi marcada pelo refluxo com a derrota da revolução e com a intensificação da repressão por parte da monarquia russa. A maioria dos jornais revolucionários eram impressos fora da Rússia e levados clandestinamente ao país.

Em 1912, em meio a uma onda de greves e intensificação da luta de classes, surge o *Pravda*. Com uma tiragem inicial de 60 mil exemplares, sustentado financeiramente pelos próprios trabalhadores, o periódico ao mesmo tempo em que foi recebido com entusiasmo pela classe operária chamou a atenção da repressão estatal. Isso fez com que o jornal mudasse de nome inúmeras vezes para driblar a censura e os constantes confiscos.

Apesar do sucesso imediato, a produção do jornal foi bastante conturbada em 1912, quando o Comitê de Redação (composto por Stalin, entre outros) se opôs à publicação dos ataques de Lênin aos liquidacionistas que surgiram no embate sobre a participação na Duma, censurando seus artigos. Ao final, após enorme pressão, Lênin conseguiu corrigir os erros do comitê e apresentar suas posições na imprensa bolchevique. Essas polêmicas que envolveram os periódicos russos do período, em que divergências internas apareciam publicamente, fizeram parte do processo de construção

e consolidação do Partido Bolchevique.

Tanto o *Iskra* quanto o *Pravda* cumpriram seu papel e foram os verdadeiros andaimes do maior partido operário da história e que levou a classe operária russa ao poder em 1917.

Tanto o *Iskra* quanto o *Pravda* cumpriram seu papel e foram os verdadeiros andaimes do maior partido operário da história e que levou a classe operária russa ao poder em 1917

A imprensa operária no Brasil

Jornais revolucionários surgiram antes mesmo da Proclamação da República no Brasil, mas tratemos dos principais periódicos produzidos pelas organizações operárias no século passado.

Em 1917, foi lançado em São Paulo o jornal *A Plebe*, que tinha entre os seus colaboradores Astrojildo Pereira, futuro fundador e dirigente do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Nele, seus redatores buscavam conceituar tanto o anarquismo quanto o comunismo e tentaram conectar seu jornal com as lutas da época, para citar um exemplo:

“O editor-proprietário do jornal, *Edgard Leuenroth*, participou ativamente da greve de 1917 na cidade de São Paulo, tornando-se uma das lideranças do movimento, inclusive através de *A Plebe*.”⁶

Em maio de 1925 é fundado o jornal *A Classe Operária*, que “embora fosse órgão oficial do PCB, não assumia formalmente essa condição, preferindo qualifi-

car-se como um ‘jornal de trabalhadores, feito por trabalhadores, para trabalhadores’. Seus principais fundadores foram Astrojildo Pereira e Otávio Brandão Rego, auxiliados por José Lago Molares e Laura Brandão”⁷.

Na década de 1930 surgem os grupos trotskistas, que foram expulsos do PCB após seu processo de burocratização a partir da degeneração do Partido Bolchevique e da Internacional Comunista, e com eles o jornal *A Luta de Classe*. “Apesar da diversidade de denominações [dos distintos grupos que surgiram], a existência de um fio de continuidade em termos de linha política, de militantes, de filiação internacional e a manutenção de seu órgão oficial [atestaram a] unidade [dos trotskistas]”⁸.

Esses são apenas alguns exemplos dos inúmeros jornais revolucionários publicados no Brasil.

Vale ainda destacar o jornal *O Trabalho*, lançado pela Organização Socialista Internacionalista (OSI) em 1978, que foi uma das mais importantes publicações trotskistas do final da ditadura.

Por fim, a Esquerda Marxista contou com alguns periódicos ao longo das últimas décadas, sendo eles: *O Trabalho (Maioria)*⁹, *Luta de Classes*, *Foice & Martelo* e o atual *Tempo de Revolução*.

Um jornal impresso na era da internet?

Embora os jornais revolucionários tenham jogado um papel indiscutível na história do movimento operário é preciso compreender como e porque eles alcançaram isso. Há uma questão que também precisa ser respondida um século após os eventos acima relatados: com o advento da internet e o declínio das mídias impressas, um jornal impresso ainda é necessário?

Sobre essa questão, devemos considerar alguns elementos. Em primeiro lugar, a internet pode ser facilmente censurada e, em questão de minutos, um site ou uma rede social podem ser derrubados no país. Os marxistas devem ter consciência de que a burguesia é capaz de rapidamente abandonar qualquer “princípio” democrático caso seja útil para preservar seu regime. Difundir um jornal impresso clandestinamente pode ser uma tarefa desafiadora, mas os exemplos históricos demonstram como ainda hoje é algo possível, dependendo do nível de organização do partido revolucionário e da sua influência na classe trabalhadora.

O segundo ponto a considerar, é que mesmo sendo muito útil para disseminar as ideias marxistas, um site não substitui a difusão do jornal em um local de trabalho, piquete ou ato, isto é, na atividade militante prática na luta de classes. Ainda hoje, quando necessitamos intervir em um ato ou uma assembleia não há quem questione a importância de um panfleto impresso para espalhar durante o evento, por exemplo, e um jornal é igualmente indispensável se queremos um instrumento para dialogar diretamente com nossos contatos.

Além disso, a produção coletiva desde a elaboração das pautas, passando pelo diálogo com os redatores, escrita e correção dos artigos, distribuição, venda militante e, finalmente, centralização nas células é um dos elementos da construção da organização revolucionária.

O Tempo de Revolução é hoje a cara pública da Esquerda Marxista e por meio dele buscamos apresentar a palavra de ordem correta, expressar seu conteúdo por meio de uma capa adequada e aprofundar nossas posições em nossos artigos. Buscamos ser como foram o *Iskra* e o *Pravda*, entre tantos outros, um jornal que educa seus leitores na teoria marxista e fornece um guia para a ação; que relata as principais lutas da classe trabalhadora e da juventude e extrai as lições necessárias para auxiliar nos combates que ocorrem a nível nacional e internacional; que possibilita a intervenção dos militantes no movimento operário e da juventude para ganhar novos quadros para o programa do marxismo.

Um militante que pega o seu jornal em célula, vende para um contato e, posteriormente, discute com esse mesmo contato sobre algum tema que o jornal apresenta, está, na verdade, construindo a sua própria organização.

Não ignoramos as possibilidades que a internet nos oferece, mas buscamos conectar as diferentes mídias e fazer com que uma complemente a outra.

Apoie a imprensa operária, assine o Tempo de Revolução

A venda militante da nossa imprensa é também um elemento de educação ao envolver o militante



na responsabilidade de sustentar financeiramente a organização e assim garantir a nossa independência política. Um jornal operário só pode defender o marxismo se é sustentando por aqueles que o leem, e isso inclui os próprios militantes da Esquerda Marxista ao tornarem-se assinantes do nosso jornal. Chamamos a todos os nossos leitores que ainda não assinam o Tempo de Revolução para que façam isso agora (ver abaixo), que ajudem a sustentar a imprensa operária e independente.

Chamamos a todos os nossos camaradas para que se tornem redatores,

que se conectem com as lutas da juventude e dos trabalhadores, que mobilizem nas escolas e nas ruas contra o Novo Ensino Médio, que atuem nas suas categorias e disputem os sindicatos e, a partir da atividade diária, reflitam e escrevam sobre os combates que travam.

A imprensa operária é um instrumento fundamental para a construção de uma direção e de um partido revolucionários, esses são os passos indispensáveis para aqueles que buscam pôr um fim à decadente sociedade capitalista e construir o socialismo.

NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ LÊNIN, Vladimir Ilich. *La información de classe. Siglo XXI Argentina Editores S. A., Córdoba, p. 105, 1973.*

² *Os primeiros revolucionários russos são conhecidos como dezembristas, porque a sua primeira revolta se deu em dezembro de 1825. Eles eram na sua maior parte jovens oficiais da nobreza que tinham tomado parte na guerra contra Napoleão, que acordara a sua consciência política. Embora eles próprios viessem da nobreza proprietária de terras, não apoiavam a servidão, que consideravam o maior mal do país. Compreenderam que a mais importante tarefa da*

Rússia era abolir a servidão e a autocracia.

³ WOODS, Alan. *Bolchevismo: el camino a la revolución. Centro de Estudios Socialistas, Argentina, p. 146, 2017.*

⁴ LÊNIN, Vladimir Ilich. *Por Onde Começar. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1901/05/onde.htm>. Acesso em 25 jul. 2023.*

⁵ LÊNIN, Vladimir Ilich. *La información de classe. Siglo XXI Argentina Editores S. A., Córdoba, p. 110, 1973.*

⁶ DANTAS, Carolina Viana. *A Plebe. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PLEBE,%20A.pdf>.*

Acesso em: 25 jul. 2023.

⁷ FERREIRA, Marieta de Moraes. *A Classe Operária. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CLASSE%20OPER%C3%81RIA,%20A.pdf>. Acesso em 25 jul. 2023.*

⁸ ÁBRAMO F.; KAREPOVS D. (Orgs.). *Na Contracorrente da História: documentos do trotskismo brasileiro 1930-1940. Editora Sundermann, São Paulo, p. 41, 2015.*

⁹ *A Esquerda Marxista surgiu a partir do racha da Corrente O Trabalho (antiga OSI) ocorrido em 2006, após a minoria expulsar a maioria e tomar a sede da organização.*



ASSINE E APOIE A IMPRENSA COMUNISTA

Assinatura
Digital
R\$ 60



Assinatura
Impressa+Digital
R\$ 70

Use o QR Code ou acesse www.livrariamarxista.com.br
Assine e receba 12 edições

JUVENTUDE

Plenária Nacional da Liberdade e Luta

A juventude contra a guerra na Ucrânia e pela revogação do Novo Ensino Médio

MAYARA COLZANI

No dia 29 de julho aconteceu a Plenária Nacional da Liberdade e Luta de 2023. Jovens de todo o país se reuniram para discutir dois temas centrais: a guerra na Ucrânia e a revogação do Novo Ensino Médio.

Na mesa da manhã, Lucy Dias, da Coordenação Nacional da Liberdade e Luta aprofundou o tema da guerra, unindo a conjuntura atual com a teoria marxista apontando qual a nossa posição, explicando, como dizemos em nosso manifesto, que “não há nenhum lado na guerra da Ucrânia que atenda aos interesses dos trabalhadores ou da juventude. Os regimes de Putin e Zelensky, a Otan e o imperialismo norte-americano são profundamente reacionários. Não apoiamos nenhum deles! A única posição que nos interessa é o cessar fogo imediato! Fim da Otan e a luta para pôr abaixo o capitalismo”.

Esse manifesto (ver QR Code abaixo) foi aprovado no final da discussão juntamente a outros encaminhamentos, visando organizar ações com os núcleos da LL por todo o país, como formações, panfletagem, colagem de lambes, demonstrações públicas, vídeos etc. Ele também indica a construção de um ato mais amplo, com o convite a outras organizações sobre a base do manifesto, para o dia 2 de novembro, em São Paulo.



Em Santa Catarina, 25 jovens de Joinville reuniram-se em São Francisco do Sul para participar da plenária.



Jovens de SC durante encontro nacional

Após o encontro, eles colaram lambes pelo centro histórico desta cidade, que é uma das mais antigas do país. Também fizeram uma manifestação pública com bandeiras da Liberdade e Luta. As atividades do núcleo da LL de Joinville seguiram na noite do dia 29 com a intervenção do estudante secundarista Gabriel Gonçalves, que falou sobre a peça “Os fuzis da senhora Carrar”, de Bertold Brecht. Ele defendeu que não é possível ser neutro em uma situação de guerra, pois é preciso tomar uma posição, e esta é a nossa tarefa diante da atual conjuntura. Por isso, dizemos: *paz entre nós, guerra aos senhores!* Continuaremos o combate pelo fim da guerra, do capitalismo e pela sociedade comunista.

Continuar a luta pela revogação do Novo Ensino Médio

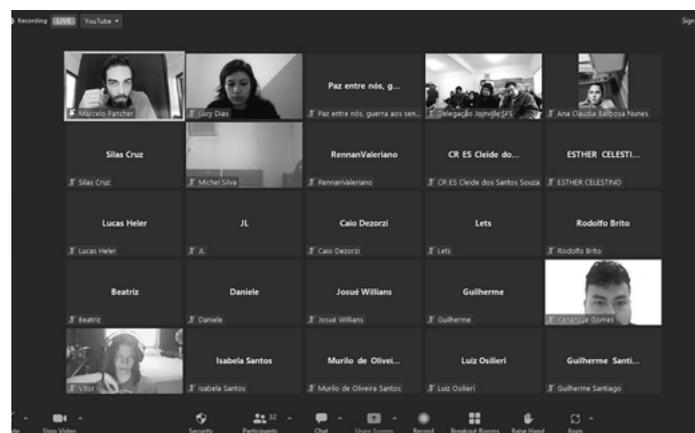
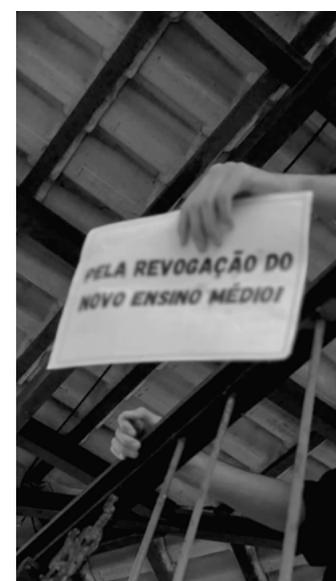
Durante a tarde, a mesa de conjuntura nacional trouxe um dos temas que afeta diretamente a vida dos estudantes e trabalhadores em educação de todo o país, o Novo Ensino Médio (NEM). No primeiro semestre de 2023, a Liberdade e Luta lançou o abaixo-assinado pela revogação do NEM, contrarreforma sempre combatida

pela LL, desde a criação do seu primeiro projeto. Desde o início desta campanha, mobilizamos em diversas escolas a coleta de assinaturas e a construção de comitês contra o NEM. Agora, atingimos outra etapa com a luta contra a privatização da educação, como dizemos no novo abaixo-assinado aprovado durante o encontro:

“os chamados Itinerários Formativos, Trilhas de Aprofundamento etc. abrem as portas da educação básica para o Ensino a Distância e às parcerias público-privadas. O NEM ataca os professores com a introdução da contratação de profissionais por ‘notório saber’, gera a desprofissionalização da carreira docente e a sobrecarga de trabalho, além das demissões e subcontratações. O NEM amplia as desigualdades na educação e é profundamente excludente. Por tudo isso, o NEM é um ataque profundo à educação pública, abre caminho para a ampliação da privatização do ensino, e está voltado para atender aos interesses do Banco Mundial e de empresários da educação”

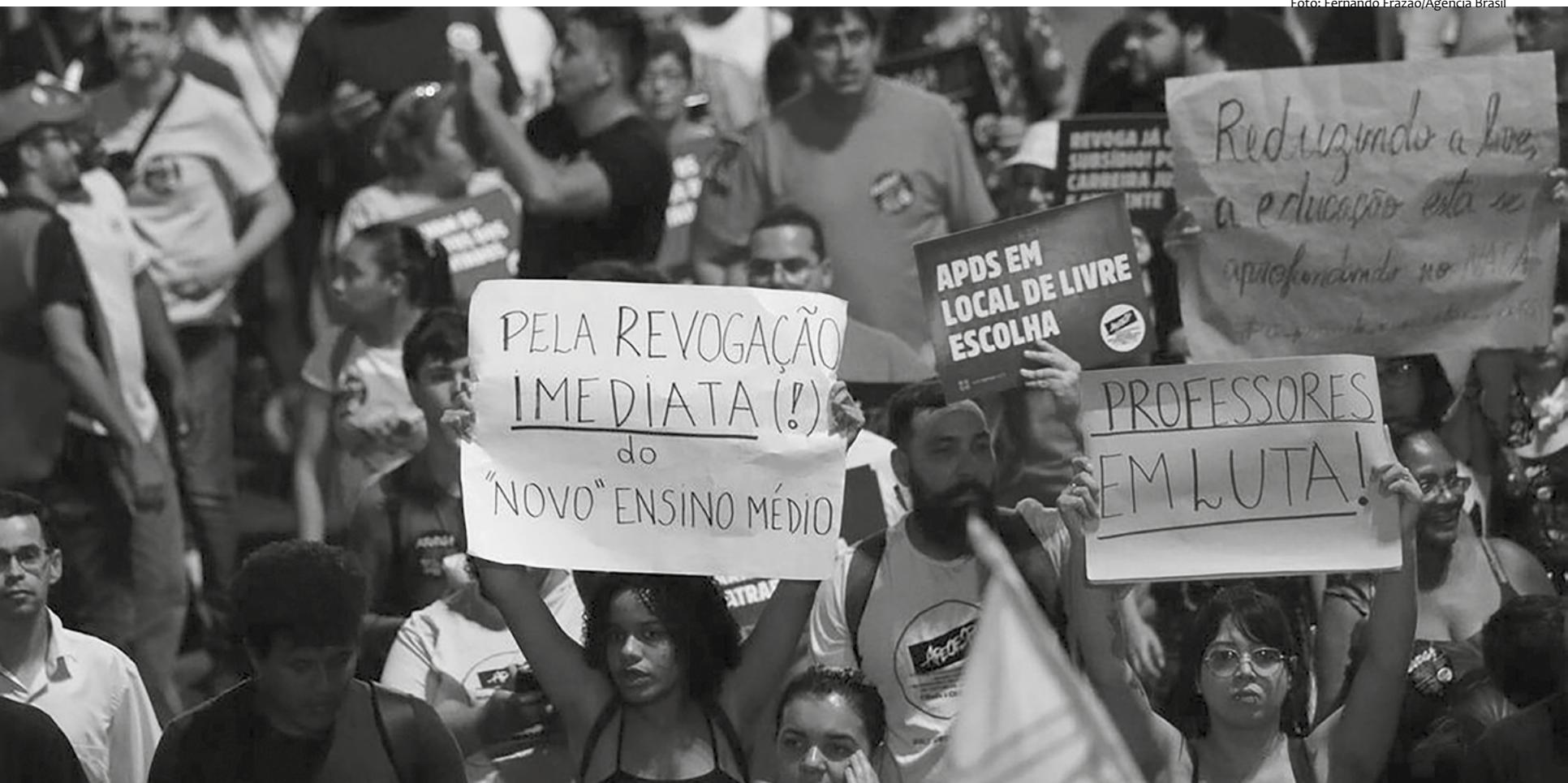
A aprovação deste novo texto, assim como a realização de oficinas de cartazes, panfletagens e discussões sobre conjuntura e a luta pela revogação do NEM, foram alguns encaminhamentos tirados para o próximo semestre. Também foi

definida a nossa participação em demonstrações públicas no dia 9 de agosto (em apoio ao ato convocado pela CNTE em Brasília) e a participação nos atos no Dia do Estudante (11/8) pelo país. A juventude está sentindo na pele o desmonte da educação, atrasando seu aprendizado e separando-a cada vez mais do acesso ao Ensino Superior que já é um verdadeiro funil por não garantir vaga para todos. Da mesma forma, os professores estão cada vez mais ameaçados de não ter emprego e precisando buscar outra forma de sobreviver. Porém, é preciso unir esse descontentamento e canalizá-lo na organização dos jovens e trabalhadores, colocando, assim, abaixo o NEM, o capitalismo e construindo o comunismo internacional, que, como disse Trotsky, nos dará o direito não somente ao pão, mas também à poesia.



JUVENTUDE

Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil



Contra a privatização do Ensino Médio Fora Sistema S de SC: revoga NEM!

A privatização da educação pública vem a galope em 2023 com a contrarreforma do Novo Ensino Médio (NEM), tendo o estado de Santa Catarina como modelo.

Educação Empreendedora: a iniciativa privada se beneficiando do dinheiro público

Acordado em 13 de abril, o programa “Educação Empreendedora” entre o governo Jorginho Mello e as instituições educacionais da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (Fiesc) com o Sistema S – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) –, escancararam as portas das escolas estaduais para a iniciativa privada.

O programa utiliza da prerrogativa do Novo Ensino Médio (NEM) dos chamados Itinerários de Formação Técnica e Profissional – Itinerário V, onde o aluno também faz um “curso técnico” durante o Ensino Médio,

como apontam os parágrafos do artigo 36 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a lei 9.394/1996.

Dessa forma, o estudante cumpre as já reduzidas disciplinas do núcleo comum e as eletivas do NEM até determinado período de seu turno e complementa a carga-horária em outra escola, cursando técnicos como o de Logística ministrado pelo Senai, e com possibilidade de realização destes cursos de formação a distância. Tudo isso regulamentado pelo Novo Ensino Médio em uma promiscuidade

infame entre o público e o privado.

Com isso, o governo catarinense passa a pagar R\$ 120 milhões ao Sistema S pelas ações privatistas. Nem mesmo o equivocado e limitado Fundeb, que deveria destinar verbas exclusivas para as escolas públicas, passa incólume, pois é burlado com esse convênio com seus recursos destinados ao Senai/Senac.

Tal acordo selado entre o governo Jorginho Mello e o Senai/Senac prevê retirar 20 mil estudantes (10 mil ao ano) da educação pública nos próximos dois anos, acompanhado

de uma massiva propaganda ideológica da Fiesc, que visa garantir a formação técnica com dinheiro público a seu bel prazer, criando um exército de reserva qualificado e podendo reduzir o custo do trabalho, ou seja, uma enorme engrenagem que visa garantir e aumentar os lucros burgueses na fase crítica do capitalismo.

Na prática, isto amplia o sucateamento da rede pública estadual e exime o Estado de sua obrigação de organizar a educação básica, além do que promove uma promiscuidade visando ações eleitorais,

Com isso, o governo catarinense passa a pagar R\$ 120 milhões ao Sistema S pelas ações privatistas. Nem mesmo o equivocado e limitado Fundeb, que deveria destinar verbas exclusivas para as escolas públicas, passa incólume, pois é burlado com seus recursos destinados ao Senai/Senac



Manifestação pela revogação do Novo Ensino Médio

@XuniorL

do eterno toma lá e dá cá. A rede estadual de Santa Catarina tem corpo técnico e estrutural que poderia garantir um ensino qualificado, inclusive técnico, mas o governo de SC se recusa a investir no público.

Aos professores, o programa “Educação Empreendedora”, alicerçado pelo NEM, impulsiona o

desemprego em massa de uma categoria majoritariamente formada por contratados temporariamente. Professores que, ao fim deste primeiro semestre, já estão tendo seus contratos rompidos, somados por assédios e ameaças das direções com a anuência da gerência de educação e pela propaganda de desqualificação do próprio secretário que, para justificar a privatização, ataca os professores dizendo que na Rede Estadual tudo é ruim, inclusive os professores, como se viu na entrevista de 17 de julho:

“(…) segundo ele [Aristides Cimadon, secretário de Estado da Educação em SC], o ensino é muito ruim. Perguntei em quais pontos o secretário considera ruim, e a resposta foi direta: “em tudo”. Cimadon não poupou nem mesmo os professores ao definir como ruim a qualidade das escolas e dos próprios educadores.”¹

Uma maneira maquiavélica de justificar o desvio de dinheiro público para iniciativa privada. Para o futuro, não tão distante, esses ataques destroem também a previdência social dos trabalhadores em educação concursados, pois reduzem a rede e, portanto, eliminam novos concursos e acabam com a previdência solidária. Fica evidente o tamanho do problema em todas as suas vertentes e, como dizemos há anos, isso consiste no fim da escola pública, gratuita e para todos.

Os sindicatos, a Ubes, o Conselho da USP para o NEM e as manobras

Enquanto a insatisfação dos professores e alunos cresce a cada dia, os sindicatos dos professores em todo país têm trabalhado na contramão da revogação utilizando todo o aparato disponível para não organizar a luta. Desorganizam, deixam os professores isolados e negociam qualquer migalha. Da mesma forma, a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes) é cada dia mais ausente da vida

dos jovens secundaristas e as ações de desprezo pelo NEM que vêm das escolas não conseguem ganhar o espaço necessário.

Do outro lado, os intelectuais tentam levar a luta para o campo institucional e manobram com elucubrações “teóricas” infundáveis e que ao fim e ao cabo validam a privatização. Este é o caso do documento divulgado no último dia 6 de julho, data limite da consulta pública promovida pelo governo federal sobre o NEM, pela Universidade de São Paulo (USP), a mais importante do país. Esta proposta, enviada ao Ministério da Educação (MEC), foi elaborada por pesquisadores, por meio do Grupo de Trabalho Ensino Médio e promovida pela pró-reitoria de graduação da universidade.

Do outro lado, os intelectuais tentam levar a luta para o campo institucional e manobram com elucubrações “teóricas” infundáveis e que ao fim e ao cabo validam a privatização

A Contribuição da USP para uma Política Nacional do Ensino Médio² não se dispõe a combater de fato o NEM, mas, como o próprio documento afirma, apenas “propor caminhos que superem” o que eles chamam de “fragilidades da Reforma”.

Em alguns trechos do documento lemos análises corretas das consequências práticas do NEM e de problemas levantados por estudantes e trabalhadores da educação, que falam da impossibilidade dos estudantes de escolherem suas disciplinas, problemas de infraestrutura nas escolas e diminuição das matérias de formação básica etc.

Algumas propostas importantes também são levantadas, como a que pede o restabelecimento

de uma carga horária de, no mínimo, 2.400 horas, mantendo-se um conjunto de matérias como “Artes, Biologia, Educação Física, Filosofia, Física, Geografia, História, Língua Espanhola, Língua Inglesa, Língua Portuguesa, Matemática, Química e Sociologia”.

Se é verdade que o documento traz questões pedagógicas importantes, reivindicações históricas dos trabalhadores em educação, é mais verdade ainda que os pontos positivos do documento não anulam o erro brutal, a manutenção da privatização.

É o que podemos observar ao ler o ponto central da proposta ao sugerir “atividades complementares de formação (...) no interior das escolas, em articulação com entidades como institutos federais, escolas técnicas estaduais, rurais, Universidades, SESI, Senai, SESC, Senac, SEST-SENAT e outras”. O projeto defendido pela USP não fala da necessidade de investimento de verbas públicas na escola pública, fala de forma genérica em investimento em educação e comunga com a promiscuidade entre público e privado. Portanto, em uma análise mais profunda, ele comunga com a destruição da escola pública gratuita e para todos. Como exemplo, citamos o caso de SC. O que a Grupo de Trabalho da USP defende é exatamente o que Jorginho Mello do Partido Liberal está fazendo: “garantindo a qualidade” com a parceria com o Sistema S, medida que o governo de Santa Catarina está aplicando e que logo deve se espalhar para todo o Brasil.

Além do que, o documento joga a responsabilidade do NEM para toda a população e entidades organizadas, lidando com o imaginário popular de que a tarefa é de todos. O documento sugere que “Secretarias Estaduais de Educação, sob a coordenação do MEC e em diálogo com as Universidades, conselhos de educação, representa-

ções dos profissionais de educação, do(as) estudantes e da sociedade civil organizada” trabalhem em conjunto para a aplicação da reforma.

Baseando-se no modelo dos conselhos tripartites, que unem Estado, iniciativa privada e organizações da classe trabalhadora para, na prática, garantir os interesses da burguesia, a proposta da USP busca uma saída para evitar que a aplicação do NEM possa resultar em mobilização de estudantes, professores e do conjunto da sociedade, que rejeitou completamente a reforma no início do ano. Não comungamos deste engodo. Queremos que o governo revogue o NEM e cesse as privatizações. A tarefa das entidades é de organizar a luta.

O documento diz ainda que “foram realizadas diversas atividades de escuta” com trabalhadores em educação e estudantes, secundaristas e universitários. Isto é no mínimo uma ironia quando se observa qualquer escola secundária pública do país.

Revoga NEM!

Defendemos que todo o dinheiro necessário seja investido na educação pública, sem fundos reguladores que inviabilizam a universalização do ensino, muito menos que sejam entregues às instituições privadas.

Iniciativas que buscam a cooptação das “organizações da sociedade civil, dos movimentos sociais, dos sindicatos e universidades do empresariado”, por meio da “unidade” para “buscar garantir os recursos financeiros ne-

cessários” à aplicação do NEM partem de inimigos da educação pública disfarçados de apoiadores.

O dinheiro para garantir educação pública, gratuita e para todos existe, mas é destinado aos banqueiros e ao capital estrangeiro por meio do pagamento da dívida pública, externa e interna, e que consome mais da metade do orçamento federal brasileiro.

Não é recorrendo aos padrões que buscam apenas novas formas de lucrarem que resolveremos o problema, mas exigindo que se rompa com o pagamento da dívida pública e que toda verba necessária seja destinada para que a educação seja pública e universal em todos os níveis.

Chamamos a todos para mobilizar e dar continuidade à luta pelo #RevogaNovoEnsinoMédio! Os programas do governo Jorginho, “Educação Empreendedora” e “Universidade Gratuita”, efetivam a sanha pela privatização do Ensino Médio e Superior, em SC, e a “contribuição” da USP tenta dar um aval político para essas iniciativas. Por isso, precisamos combatê-los mobilizando para a luta a classe trabalhadora e a juventude, reiterando a campanha pela Revogação do NEM com a bandeira contra a privatização do Ensino Médio.

- **Lula, revogue o Novo Ensino Médio!**
- **Pelo fim do pagamento da dívida pública, interna e externa!**
- **Por educação pública, gratuita e para todos!**



Manifestação pela revogação do Novo Ensino Médio

REFERÊNCIAS

¹ *Cimadon critica a situação da Educação e os professores; Santa Catarina quer vaga no STJ para Blasi; PL quer Patrícia como candidata em Blumenau entre outros destaques. SC em debate, 2023. Disponível em: <https://scempauta.com.br/2023/07/17/cimadon-critica-a-situacao-da-educacao-e-os-professores-santa-catarina-quer-vaga-no-stj-para-blasi-pl-quer-patricia-como-candidata-em-blumenau-entre-outras-destaques/>. Acesso em: 30 jul. 2023.*

² *Contribuição da USP para uma Política Nacional do Ensino Médio. Jornal da USP, 2023. Disponível em: https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/2023/07/GR193_doc.pdf. Acesso em: 27 jul. 2023.*

JUVENTUDE



Universidade da Região de Joinville (Univille)

A estatização do Sistema Acafe e a luta na Univille e na Furb

MICHEL SILVA
E CHICO AVIZ

Em 11 de julho, a Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina (Alesc) aprovou o falacioso, demagógico e privatista projeto “Universidade Gratuita” do governo Jorginho Mello. Em artigo de 29 de maio, nós explicamos o caráter desse ataque bolsonarista à educação pública catarinense, que compõe a destruição promovida pela contrarreforma do Novo Ensino Médio (NEM). Tais ações demonstram como, no período decrépito do capitalismo, a burguesia aumenta sua sanha pelos direitos da classe trabalhadora e da juventude.

Como cúmplice, vemos, nos dias que antecederam a aprovação da principal proposta do governo Jorginho, a direção do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina (Sinte) enganar a categoria em um suposto combate. Foi feita a atrasada denúncia à “Universidade Gratuita”, que privatizaria as “Trilhas de Aprofundamento” do NEM, oferecendo-as às instituições beneficiadas pelo projeto (como a Acafe),

marcando uma paralisação para o dia de votação do mesmo. “Resignada”, a direção do Sinte aceitou a exclusão desses artigos do projeto e anunciou “vitória da retirada dos pontos que privatizavam a educação”, afirmando que isso seria uma “vitória da categoria”. Porém, o “Universidade Gratuita” não pode ser visto isoladamente, mas em conjunto com o NEM e o programa “Educação Empreendedora”, também encabeçado pelo governo Jorginho Mello e o Sistema S, da Federa-

ção das Indústrias do Estado de Santa Catarina (Fiesc).

Assim, o projeto de Jorginho Mello passou, com seus demais ataques, como, principalmente, o favorecimento ao Sistema Acafe, presidido até o fim de 2022 pelo secretário da educação Aristides Cima-don. A Udesc, que teve uma pequena mobilização dos estudantes, segue sem perspectivas de investimentos, assim como as escolas públicas e os professores que penam com a impraticável estrutura e salários.

Contudo, o projeto governista também fortalece a discussão de uma pauta histórica da Esquerda Marxista e da Liberdade e Luta: a estatização das universidades e faculdades comunitárias, representadas, em grande medida, pelo Sistema Acafe. O “Universidade Gratuita” garante R\$ 3 bilhões em caixa para atender as instituições parceiras do programa, sem real controle desse montante, além de evidenciar que dinheiro não é o problema para a conquista da universalização do en-

sino gratuito. Fora esse caixa, ocorrerá o efetivo pagamento de R\$ 1,2 bilhão para as instituições privadas/comunitárias até 2026. Com isso, é tarefa imediata nos mobilizarmos amplamente, sob a bandeira de estatização do Sistema Acafe e de todas demais instituições “comunitárias”, este frankenstein jurídico oficializado pelos governos do PT em 2013.

Como cúmplice, vemos, nos dias que antecederam a aprovação da principal proposta do governo Jorginho, a direção do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina (Sinte) enganar a categoria em um suposto combate



Jorginho Mello apresentando projeto na Alesc

Vicente Schmitt, Ag. Alesc

As universidades comunitárias, há décadas, provocam um profundo debate sobre o seu caráter político e jurídico. Em sua maioria, foram criadas com vínculo a prefeituras municipais durante a ditadura ini-

ciada em 1964. A primeira dessas fundações foi a Fepevi, de Itajaí (hoje Univali), criada em setembro de 1964. Essas fundações respondiam à necessidade das burguesias locais de formação da força de trabalho de nível superior em um cenário no qual não se vislumbrava a expansão da educação pública superior por parte do governo federal. Instituídas pelos municípios, essas fundações, em sua maioria, obedeciam ao modelo de “direito público”. Embora declarando-as com “autonomia administrativa e financeira”, ficavam sob a tutela do prefeito, a quem cabia “decretar” os estatutos e nomear os dirigentes.

Essas fundações tiveram seu patrimônio formado por doações do poder público, marcadas pela cobrança de mensalidades, ainda que, inicialmente, com valores módicos, na medida em que os municípios a que estavam vinculadas investiam pouco, ou mesmo nada, em sua manutenção, e aumentado pela gestão dos recursos públicos. Fundadas nas décadas de 1960 e 1970, era evidente a utilização dessas instituições na execução de uma política educacional adequada ao “desenvolvimento com segurança”, preconizado pelos governos da ditadura e pelo empresariado local.

Essa questão da relação com o poder local também fez com que, ao longo das décadas, setores da burguesia fossem assumindo, indiretamente, a gestão das universidades, ou influenciando em suas decisões.

Em 1974, foi criada a Associação Catarinense das Fundações Educacionais (Acafe), com a participação de representantes das fundações instituídas a partir de leis municipais e do estado, espalhadas pelo território de Santa Catarina. Estava em jogo, em grande medida, a unidade entre as mantenedoras dessas ins-

tuições de educação superior, no sentido de ganhar força para barganhar, junto ao governo do estado, o financiamento, ainda que parcial, de suas atividades. Em sua própria história oficial, a Acafe assume que todas as fundações foram “apoiadas por uma intensa mobilização de esforços e recursos locais e contando com o decidido apoio de lideranças políticas e administrativas do Estado, através das quais foi assegurado o aporte de recursos estaduais e federais para consolidação desses empreendimentos” (Acafe, “Acafe 25 anos”, 1999).

Essa questão da relação com o poder local também fez com que, ao longo das décadas, setores da burguesia fossem assumindo, indiretamente, a gestão das universidades, ou influenciando em suas decisões

Um dos produtos desse processo de articulação é o “Artigo 170”, que remete à Constituição do estado de Santa Catarina e que, durante décadas, garantiu a oferta de bolsas para uma parcela de estudantes das instituições do sistema Acafe. A criação desse programa mostrava, a despeito do permanente discurso de economia de gastos de todos os governos, que sempre houve recursos para garantir o funcionamento plenamente público e gratuito da educação superior em Santa Catarina. Contudo, ainda que haja financiamento estatal, apenas cerca de 10% da receita anual dessas fundações provém de dotação orçamentária pública.

Portanto, ao analisar a história das instituições comunitárias de educação superior e mesmo os rumos tomados pela UDESC, observa-se a necessidade de debater e lutar pela estatização dessas ins-

tuições. Medidas como o Artigo 170 e outras formas de bolsa, especialmente dos diferentes programas federais, ainda que tenham auxiliado estudantes a realizarem seu curso superior nessas instituições, foram medidas limitadas que visavam, por um lado, amortecer as lutas estudantis e, por outro, garantir o escoamento de dinheiro público para garantir interesses locais de setores da burguesia.

Possivelmente, o exemplo mais avançado e importante desse processo de luta tenha sido o da federalização da Furb. Mobilizações semelhantes foram vistas em outras instituições comunitárias, como na Unisul, mas nenhuma teve a mesma força que a observada em Blumenau. No começo dos anos 2000, a campanha em defesa da “Furb Federal” ganhou as ruas de Blumenau e mobilizou trabalhadores e estudantes. Realizou-se, em maio de 2008, um plebiscito em Blumenau, que contou com 34.317 votantes, obtendo o resultado de 96% favorável à federalização da Furb. Foram realizadas mobilizações, audiências, reuniões com parlamentares e com o próprio governo Lula, na defesa da constituição de uma universidade pública e gratuita na cidade.

Contudo, como diante de outras tantas lutas dos trabalhadores e da juventude, o governo Lula não encampou essa ideia. Em agosto de 2011, o então ministro da educação, Fernando Haddad, afirmou que a federalização da Furb estaria descartada



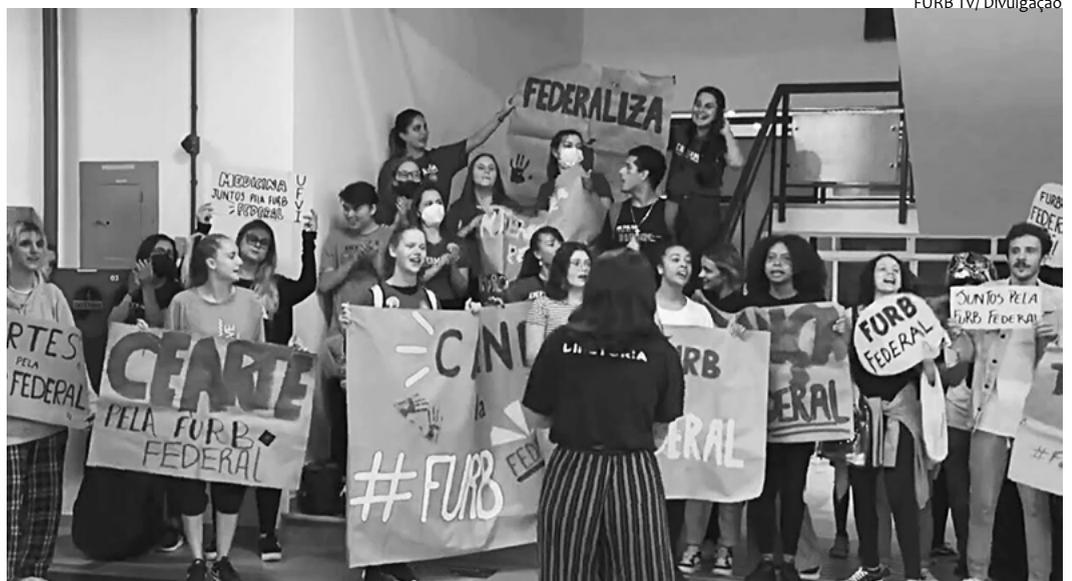
Debate “Univille federal, prioridade regional” organizado pelo DCE em 2011

e que a hipótese em estudo seria a instalação de um campus da UFSC. A luta acabou arrefecendo, principalmente, pelo enfraquecimento da mobilização. Além disso, nos últimos anos, a Furb teve uma drástica queda no número de estudantes, o que impacta em sua receita e mesmo no salário de seus trabalhadores, tendo pouco apoio por parte da prefeitura de Blumenau.

Munindo do contexto da Furb e da experiência travada entre 2011 e 2013, quando militantes da Esquerda Marxista dirigiram o DCE Univille, devemos, nesse momento, mobilizarmos por um Comitê de Luta pela Federalização da Universidade da Região de Joinville. Essa, que assume o papel da principal universidade da maior cidade do estado, tem total capacidade de colocar-se como uma instituição pública, gratuita e para todos, atendendo às necessidades

de pesquisa, ensino e extensão no norte catarinense. Urgentemente, o movimento estudantil precisa se colocar na vanguarda deste combate pautado pela Liberdade e Luta e pela Esquerda Marxista, denunciando o programa Universidade Gratuita e pressionando a direção reacionária do DCE, a reitoria e os parlamentares a discutirem a estatização.

A partir de agosto, iniciando o segundo semestre letivo, a Liberdade e Luta convocará uma roda de conversa sobre o tema para encaminhar uma ampla plenária na Univille, dando o pontapé para a formação deste comitê. Convocamos os Centros Acadêmicos ativos e em construção para se somar a essa campanha, levando-a, também, para fora do campus, ao conectar a luta contra os ataques do Novo Ensino Médio e do governo Jorginho Mello.



Manifestação de estudantes pela federalização da Furb

Acervo blog DCE é pra Lutar

FURB TV/Divulgação

TEORIA



Como surgiu a Oposição de Esquerda: Lênin e as condições gerais da Rússia

| CHICO AVIZ

O programa comunista desenvolvido pela Oposição de Esquerda a partir de 1923 emerge das contradições antidemocráticas e burocratizantes observadas pelos bolcheviques no interior do Partido Comunista da União Soviética. Problemáticas apontadas não apenas pelos membros deste agrupamento fundado com a carta de Trotsky (outubro de 1923) e com a Declaração dos 46 (15.10.1923), mas por Lênin, antes de sofrer um derrame em 26 de maio de 1922.

Evidentemente, a historiografia stalinista, obtendo absoluto controle a história do movimento comunista no século 20, buscou negar, fraudar e ocultar a luta de Lênin contra a burocracia, pois isto demonstraria a ruptura pessoal e política do dirigente da Revolução de Outubro com o organizador de derrotas e tragédias, Stalin.

Apresentando as fontes de obras completas de Lênin, Pierre Broué, em “O Partido Bolchevique” (1960), revela as posições do revolucionário russo. Em março-abril de 1918 - em meio a guerra civil, demonstrando que não há hora certa para crítica - abriu o caminho para o fundamental combate à burocracia no intestino dos soviets e das fileiras comunistas no país, onde, segundo Lênin, havia uma “*tendência pequeno-burguesa*” para transformá-los em “*parlamentares ou em burocratas*” (LÊNIN apud BROUÉ, 2014, p. 165).

Lênin defendia que o combate aos burocratas precisava ser realizado com o oferecimento material de cultura à classe trabalhadora. Buscou, com isso, possibilitar bibliotecas públicas, com pleno funcionamento diário, ao passo que sabia, como declarou em 1919 no 8º Congresso do Partido, que este seria um longo processo. Atentava para o fato da democracia proletária, superior a qualquer

outra democracia conhecida, ser degradada pela “*falta de cultura*” na Rússia, por consequência nos soviets, pois isto criaria o idealismo no Estado soviético ser de alcance de todos os trabalhadores: “*na realidade - e nenhum de nós a ignora - não está ao alcance de todos e falta muito para que assim seja*” (LÊNIN apud BROUÉ, 2014, p. 166). E estava correto, a construção de mitos do Estado stalinizado e os cultos às personalidades promovidos na URSS comprovaram seu receio.

Deste momento até seu derrame, Lênin disparou contra o aparato estatal e as permanências enraizadas pelo czarismo reproduzidas pelos burocratas do partido. Chegou a dizer no 11º Congresso que, “*em muitos aspectos*”, tinha culpa nesses problemas nas organizações soviéticas e no governo de um partido único. Objetivamente, o Estado operário como construído tinha seus claros limites e fragilidades democráticas, principalmente por estar limitado a um país atrasado como a Rússia, mas, ainda assim, era infinitamente superior ao Estado absolutista dos czares e o liberal da burguesia. Continuamente, Lênin defendia que para a superação destas condições é necessário a revolução permanente e internacional. Trata-se também da conti-

nua luta contra a burocracia, que busca arrefecer as massas, dando-se com a ação do proletariado “*contra as deformações burocráticas*”, como afirmou no início de 1922 durante greves de trabalhadores russos (LÊNIN apud BROUÉ, 2014, p. 167).

Lênin defendia que o combate aos burocratas precisava ser realizado com o oferecimento material de cultura à classe trabalhadora

Em sua breve recuperação física, de meados de 1922 até dezembro daquele ano, Lênin atuou frente a visível ascensão de um aparato burocrático que se tornaria a camarilha de Stalin. Em novembro, propôs um bloco contra esse “*espírito*” e contra o Birô de Organização do partido.

No fatídico “*testamento*” de 15 de dezembro de 1922, com acréscimos feitos em 4 de janeiro de 1923, mas publicado apenas em 1925 devido a tentativa de ocultamento da própria burocracia, esse combate de Lênin também pode ser compreendido, incluindo a sugestão de afastamento

de Stalin do Secretariado. Outro artigo onde Lênin escancara o combate à Stalin como o líder da ascendente camarilha é o intitulado “*Melhor pouco, porém bom*”¹, publicado no jornal Pravda em 6 de fevereiro de 1923, cunhando como repugnante um departamento de Stalin no partido, àquela altura, a Inspeção Operária e Camponesa, utilizada para perseguir e capturar “*opositores*”.

Assim, tal bloco mencionado por Lênin em novembro de 1922 já fora uma expressão do que surgiria no ano seguinte com a Oposição de Esquerda. Uma necessidade articulada pelos bolcheviques-leninistas nos soviets, na juventude comunista e no partido.

Contudo, a crise econômica de 1923 contribuiu materialmente para o recrudescimento burocrático, aprofundado pela opção do Birô Político em manter a Nova Política Econômica (NEP), que reativou relações capitalistas, especialmente no comércio e a apropriação privada da terra, ao invés, como defendido por Trotsky, iniciar a planificação econômica visando o desenvolvimento da indústria pesada. Pierre Broué relata que Stalin se solidifica como líder do Comitê Central na primavera de 1923, após ordenar a prisão do dirigente comu-

nista tártaro Sultan-Galiev, quando esta crise piorou:

“Os funcionários deixam de ser pagos, explodem diversas greves espontâneas, e um pequeno grupo de opositoristas que se autodenomina Grupo Operário vai tratar de intervir neste movimento para assumir sua direção. No entanto, a GPU cai imediatamente sobre o grupo, acusando-o de ter preparado uma manifestação de rua. Miasnikov é detido em junho e Kuznetsov e outros vinte e oito comunistas são presos em setembro. A GPU reprime igualmente o grupo Verdade Operária, encabeçado pelo velho Bogdanov. Todos estes militantes são expulsos do partido” (BROUÉ, 2014, p. 176)

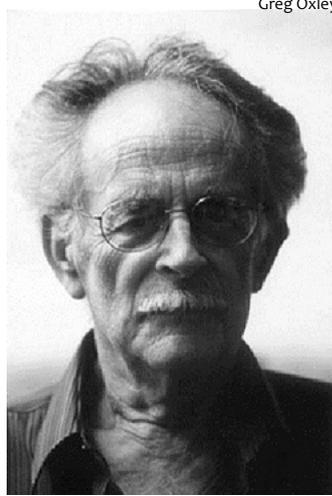
Urgia a organização de uma oposição bolchevique-leninista, como ocorreu em outubro daquele ano. Segundo Broué, Trotsky se convence da grave tomada do poder pela burocracia de Stalin somente nestes momentos, solicitando ao Birô Político que exija os militantes do partido denunciarem as ações da GPU (Diretório Político do Estado), a polícia política. Sua primeira reação foi ameaçar uma renúncia caso Stalin ingressasse no Comitê Revolucionário da Guerra, o que acabou sendo, por isso, evitado. Porém, como reação, teve seu companheiro de guerra civil no Exército Vermelho, Sklianski², substituído por homens da *Troika* de Stalin, Zinoviev e Kamenev.

Tais concepções de Lênin e os acontecimentos de 1922 e 1923, nos ensinam os motivos da carta de 8 de outubro de 1923, dirigida por Trotsky ao Comitê Central (CC) - prenúncio da *Declaração dos 46* da semana seguinte -, transformá-lo em dirigente da Oposição de Esquerda. Ressalta-se que a De-

claração de 15 de outubro ao CC foi completamente independente de Trotsky, mesmo que alguns dos 46 signatários tivessem conhecimento dela.

A reação do Birô Político com os dois movimentos - carta e declaração - foi dirigida à Trotsky. A direção, evidentemente, se negou a aceitar a discussão levantada e acusou-o de querer o “tudo ou nada”, como se sua oposição tivesse um caráter personalista de ambição ao poder. No fim de outubro, nos dias 25 a 27, uma plenária do CC e da Comissão Central de Controle (CCC) deu voz à Preobrazhenski, economista, em nome da oposição, que defendeu: discussão dos problemas políticos, liberdade de expressão, abertura da imprensa partidária ao debate, retorno da eleição de dirigentes, exame dos processos contra militantes e suas “transferências”. A Oposição de Esquerda exigia democracia, enquanto o CC acusava-os de “fracionalismo”, condenando a Declaração dos 46 como um “ato de divisão que ameaça toda a vida do partido”.

Em 21 de dezembro, após Stalin nominalmente atacar Trotsky em artigo publicado 6 dias antes, foi a vez de Zinoviev utilizar a imprensa para tentar fechar o cerco do CC contra a Oposição. O que levou Zinoviev a esta investida foi um artigo de Trotsky, que só fora publicado em 28/29 de dezembro de 1923, intitulado “Novo Curso”. Neste artigo, o dirigente da oposição analisa a situação política do aparato do Estado e do partido, as origens do burocratismo e aponta para a uma nova etapa de



Pierre Broué (1926-2005)

discussões e organização dos comunistas no país, onde os trabalhadores comunistas, em síntese, diriam não querer somente ser dirigidos pela direção do CC, mas participar direta e democraticamente desta direção do proletariado em sua revolução.

Este artigo, porém, foi o último de “livre discussão”, pois, a partir desta afronta à burocracia do CC, o *Pravda* passou a ser controlado de perto pela *Troika*, acusando Trotsky de “desvios” e “oposição ao leninismo”. Foram suspensas todas as opiniões de qualquer um que apresentasse contribuições sobre as polêmicas. Com isso, membros da oposição - assinado ou não a Declaração dos 46 - passaram a ser afastados da Rússia.

Neste momento, são o Partido Comunista Ucrainiano e as células do Exército Vermelho os últimos bastiões da oposição “aceitos”. Mas, rapidamente, o CC atuou destituindo o dirigente político do Exército, Antonov-Ovseenko, por emitir uma circular sobre democracia operária, a partir dos encaminhamentos do Congresso, sob a justificativa de não tê-las submetido ao CC antes. A União da Juventude Comunista (Komsomol) também é atacada,

pois a maioria de seus militantes, que eram membros do partido, estava alinhada com a Oposição de Esquerda: quinze membros eleitos da direção da juventude são excluídos das funções e mandados para “missões” em regiões inóspitas. Com esse primeiro expurgo, imediato ao fortalecimento da Oposição de Esquerda entre 1923 e 1924, a *Troika* se tornava maioria.

Em resposta, Trotsky publica um apêndice ao *Novo Curso* assinada pelos jovens dirigentes do Komsomol, que, apesar de perseguidos, mantém suas posições. Entretanto, com o aumento do acoamento aos jovens opositores, alguns se curvavam, outros vacilam e o núcleo da Oposição não se organiza como fração para não ser acusada de indisciplina, visto que este artifício era proibido congressualmente.

A burocracia isolou os opositoristas e venceu as eleições na 13ª Conferência do partido - anúncio para o 10º Congresso que confirmaria a camarilha de Stalin no poder - com os votos dos operários mais experientes, visto que a Oposição era majoritária entre a juventude estudantil e trabalhadora. Segundo Broué, possíveis interpretações destas derrotas dizem respeito à ausência na Declaração dos 46 de interesses imediatos dos operários e pela impopularidade de Trotsky em setores proletários desde que defendeu a militarização dos sindicatos durante a guerra.

Apesar das perseguições e desta derrota, a Oposição de Esquerda não se findou. Todavia, a morte de Lênin, em 21 de janeiro

de 1924, com Trotsky afastado de Moscou - sendo avisado da morte do dirigente tarde demais - a “sucessão” do partido estava assegurada nas mãos dos burocratas, simbolizada pelo ritual quase bíblico do velório de Lênin. Oficialmente, a Oposição de Esquerda, agora “Unificada”, fora terminada em 1927 com a expulsão de Trotsky da URSS, mas mantendo a militância em defesa do comunismo e da revolução permanente com a Oposição de Esquerda Internacional, inclusive clandestinamente na Rússia.

Em nosso tempo, estudar e compreender esses acontecimentos ajudam a demonstrar como a revolução russa foi traída e desfigurada. Não trata-se de uma análise psicológica da ânsia pelo poder de uma camada burocrata, mas, como Lênin explicou no seus últimos posicionamentos, propiciado pelas condições de atraso do país de um proletariado que ousou construir um novo mundo. Nossa tarefa é assumir, aprender e pôr em prática o legado da real democracia operária para que seja possível superar material e culturalmente a exploração, a opressão e as ideias de subordinação de uma classe ou de uma casta burocrática sobre a humanidade.

NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ É possível lê-lo no livro: NETTO, J. P. (org.). *Lênin e a Revolução de Outubro: textos no calor da hora (1917-1923)*. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

² Foi Secretário do Comitê Militar da 5ª Armada, sendo também Vice-Presidente do Conselho de Guerra com apenas 26 anos.



CIÊNCIA, CULTURA E ARTE

130 anos de Maiakovski: arte, comunismo e revolução

GLENN RYAN

Traduzido por Fabiano Leite

Faz 130 anos desde o nascimento de Vladimir Maiakovski, o

artista e poeta russo, cujas obras têm sido uma fonte consistente de inspiração para os comunistas. Analisamos a vida, as ideias e as contribuições desse artista revolucionário.

O grande artista revolucionário Vladimir Maiakovski nasceu há 130 anos, em 19 de julho de 1893. Sua vida e o registro marcante que ele deixou na poesia, no teatro e no design

têm atraído o interesse de radicais e revolucionários desde então.

Hoje em dia, à medida que um número crescente de trabalhadores e jovens se radicaliza devido ao apro-

fundamento da crise do capitalismo, lembramos Maiakovski e celebramos sua luta de toda a vida pela revolução, a qual ele dedicou todos os seus esforços para dar voz através de sua arte.

Bolchevismo

Maiakovski nasceu em uma pequena cidade na Geórgia, então parte do Império Russo, durante um período tumultuado.

Os eventos revolucionários de 1905 inspiraram toda uma geração – incluindo o jovem Maiakovski, que devorava as canções e a literatura da época.

Seu pai era de origem nobre, embora não fosse rico. Quando ele morreu em 1906, a família ficou com quase nada e foi forçada a se mudar para Moscou. Lá, enquanto estudava no 5º Ginásio Clássico, Maiakovski alinhou-se com a facção bolche-

vique do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR), tornando-se um revolucionário ativo. Ele participou de grupos de leitura marxista, de propaganda e outras atividades práticas durante o período de reação negra que se seguiu à derrota da Revolução de 1905.

As opressivas leis czaristas e a polícia secreta forçaram o partido e seus membros à clandestinidade. Maiakovski foi preso várias vezes, ora por trabalhar em uma gráfica ilegal, contrabandear li-

teratura, ora por libertar prisioneiros políticos da prisão. Enquanto estava na prisão, Maiakovski estudou arte e literatura e começou a escrever poesia. Ele estava sempre insatisfeito com os grandes, como Alexander Pushkin e Fiodor Dostoievsky. Maiakovski sentiu profundamente que os ideais hipócritas e o lirismo sentimental da literatura burguesa eram totalmente inadequados para o novo período turbulento e pediu que fossem lançados “ao mar pela borda do navio da modernidade”.

Esse desejo de romper com o passado refletia um genuíno espírito revolucionário, mas também falava sobre algumas das limitações do pensamento de Maiakovski. Na pressa de traçar um novo rumo para a vida cultural da Rússia, ele tinha a tendência de jogar a criança fora junto com a água suja. De fato, em questões culturais, a classe trabalhadora tinha muito aprender com a grande linhagem artística da Rússia.

Futurismo

Ao ser libertado da prisão, Maiakovski se afastou dos bolcheviques. Matriculando-se na Escola de Arte de Moscou em 1911, ele se envolveu com um grupo de boêmios rebeldes que juntos

As opressivas leis czaristas e a polícia secreta forçaram o partido e seus membros à clandestinidade. Maiakovski foi preso várias vezes ora por trabalhar em uma gráfica ilegal, contrabandear literatura ou libertar prisioneiros políticos da prisão

forjariam o movimento futurista russo. Compartilhavam com o futurismo italiano o ódio ao passado e o fascínio pela velocidade, pela tecnologia e pela cidade grande. Isso parecia um anátema total para o obelisco embrutecedor em que a Rússia czarista havia se tornado e para a lenhosa tradição “realista” que dominou sua produção cultural na virada do século 20.

O movimento russo, no entanto, desenvolveu-se de forma um tanto independente de sua contraparte italiana. Os futuristas de esquerda em torno de Maiakovski, em particular, eram hostis às simpatias fascistas mantidas entre seus colegas italianos, como Marinetti. Os grupos atacaram a arte e a moralidade bur-



Vladimir Maiakovski
(1893-1930)

guesa, expressando um estado de espírito não muito diferente daquele que prevalece entre muitos jovens de hoje, que são legitimamente repelidos pela degeneração e especulação na arte e na sociedade em geral.

O futurismo sempre foi limitado por suas origens. Refletia o desprezo juvenil dos intelectuais pequeno-burgueses – desgostosos com a velha ordem e sua vida cultural estagnada, mas mal equipados para lutar por uma nova. No entanto, como Trotsky escreveu mais tarde: “Se o protesto futurista contra um realismo superficial teve sua justificativa histórica, foi apenas porque abriu espaço para uma nova recriação artística da vida, para a destruição e reconstrução sobre novos eixos”.

Revolução Russa

Quando estalou a Primeira Guerra Mundial em 1914 e a luta de classes na Rússia começou a crescer novamente, a arte de Maiakovski tornou-se cada vez mais política. No episódio de 1917, quando as massas russas derrubaram o odiado czar e lutaram para estabelecer o primeiro Estado operário da história, Maiakovski colocou seus consideráveis talentos inteiramente a serviço da revolução. Ele escreveu grandes poemas de mobilização, como “*Left March*”. Produziu uma peça celebrando a Revolução de Outubro. E pintou cartazes bolcheviques.

A revolução provocou um enorme florescimento da arte. As portas douradas do imenso legado cultural da Rússia foram abertas para as massas pela primeira vez, e uma geração de artistas se sentiu inspirada a capturar o espírito do novo mundo por meio de seu ofício.

Maiakovski tornou-se um artista muito celebrado e popular, com sua poesia recebendo destacados elogios. Lançou-se totalmente, a seu ver, na tarefa revolucionária de remodelar a vida cultural da Rússia. Isso envolveu colaborações com muitas das maiores figuras artísticas da época: o pintor construtivista Malevich, diretor de teatro Meyerhold, o designer gráfico Rodchenko, o lendário cineasta Ei-



“É preciso trabalhar, mas mantenha o rifle à mão”, 1920

senstein, e até o jovem compositor Shostakovich.

“Se o protesto futurista contra um realismo superficial teve sua justificativa histórica, foi apenas porque abriu espaço para uma nova recriação artística da vida, para a destruição e reconstrução sobre novos eixos”

No entanto, apesar de manter a admiração pessoal deste último, Lênin não tinha grande estima por Maiakovski, cujo trabalho ele apelidava de “comunismo hooligan”. E mantinha opiniões semelhantes sobre o futurismo em geral. Em parte, isso se devia ao conservadorismo confesso de Lênin em questões artísticas. Mas ele provavelmente também estava ciente dos problemas políticos da perspectiva de Maiakovski.

Trotsky, que era muito mais aberto à arte experimental, reconheceu o enorme talento de Maiakovski, considerando-o o “maior poeta da escola [futurista]”. Mas ele também via as fraquezas do artista. Ele criticou a relutância de Maiakovski

em se engajar com as duras realidades da Rússia pós-revolucionária: o atraso que precisava ser superado para que se levantasse qualquer questão de se elevar o nível cultural da sociedade soviética às alturas imaginadas por esse idealista pequeno-burguês.

Para Trotsky: “O individualismo revolucionário de Maiakovski se verteu entusiasticamente na revolução proletária, mas não se misturou a ela. Seu sentimento subconsciente pela cidade, pela natureza, pelo mundo inteiro, não é o de um trabalhador, mas o de um boêmio.”

Contrarrevolução

Mais tarde, à medida que a burocracia stalinista se tornava poderosa no Estado operário isolado, Maiakovski atacou a burocracia e a estupidez dos burocratas em poemas como *In Re: Conferences*. Embora ainda não fosse fã da poesia, Lênin elogiou o conteúdo político desta obra como “absolutamente correto”.

À medida que a saúde de Lênin piorava, Maiakovski, com razão, criticou aqueles que buscavam transformar o líder bolchevique de um revolucionário de carne e osso em um ícone inofensivo. Em um editorial de 1923 para o jornal Left Art Front (LEF) que ele ajudou a fundar, Maiakovski escreveu:

“Nós insistimos Não estereotipem Lênin

Não imprimam seu retrato em cartazes, adesivos, pratos, canecas e cigarreiras.

Não bronzeiem Lênin Não tirem dele o andar vivo e o semblante.”

Depois da morte de Lênin, a linha cada vez mais crítica de Maiakovski o tornou um alvo. Sua crítica à camarilha stalinista na peça satírica *The Bathhouse* [A Casa de Banhos] provocou uma campanha feroz contra ele.

Vladimir Yermilov, um crítico literário e cão de guarda stalinista, insinuou que *The Bathhouse* expressava simpatia pelas ideias da Oposição de Esquerda de Leon Trotsky. Esse epígono cultural pode ter realmente razão. Maiakovski sempre foi um internacionalista declarado, que via a Revolução Russa como o ponto de partida para a revolução comunista mundial.

A associação com Trotsky pretendia ser uma Marca de Caim. Foi seguida por uma campanha de difamação na imprensa soviética, com Maiakovski sendo abafado em leituras públicas por audiências zombeteiras levadas ao frenesi pela calúnia stalinista. Assim como Stalin assassinou todos os velhos bolcheviques, a fim de consolidar os privilégios da burocracia, também na arte ele empreendeu uma contrarrevolução brutal. Posteriormente, isso incluiu a aplicação de um novo “realismo superficial (socialista)” como o único estilo aceito na União Soviética.

Em última análise, Maiakovski não conseguiu resistir ao efeito fulminante da contrarrevolução stalinista. Em abril de 1930, aos 36 anos, ele tirou a própria vida em circunstâncias misteriosas.

Legado

O legado revolucionário de Maiakovski ainda era temido pela burocracia. A ansiedade deles só se intensificou quando seu funeral se tornou o terceiro maior evento de luto público da história soviética, com 150 mil presentes. Em uma reviravolta cínica, em 1935, Stalin proclamou Maiakovski “o melhor e mais talentoso poeta de nossa época soviética!”

A burocracia passou a despojar Maiakovski de sua humanidade, convertendo-o, como fizeram a Lênin, em outro ícone inofensivo, um mero

propagandista. Suas obras de oposição foram censuradas ou alteradas, enquanto estátuas e praças públicas eram inauguradas em sua homenagem. Isso foi como nada menos que sua “segunda morte”, como o colega futurista Boris Pasternak escreveu mais tarde.

Hoje, os últimos resquícios do revolucionário Maiakovski continuam sendo aniquilados em defesa do *status quo*. Suas obras políticas estão enterradas sob fofocas acadêmicas sobre sua vida amorosa e lutas pessoais. Estátuas e ruas que lhe foram dedicadas são demolidas e renomeadas. Na Ucrânia, por exemplo, uma rua Maiakovski foi renomeada recentemente em homenagem a Boris Johnson.

Organize-se

Aqueles de nós que não estão satisfeitos com o *status quo* do mundo de hoje, e que se dizem comunistas, lembrem-se do legado real, complexo e inspirador de Maiakovski: sua corajosa luta revolucionária e suas grandes realizações artísticas.

Ao fazê-lo, prestamos atenção às palavras de Trotsky. A arte tem um papel a desempenhar na revolução, mas não pode ser alcançada apenas através da arte. É somente através de organização consciente, educação e luta persistente que este sistema decrépito pode ser derrubado, de uma vez por todas. Pode-se dizer de Maiakovski que, desde muito jovem, reconheceu a necessidade de se organizar e lutar pela revolução. Os comunistas de hoje devem seguir este exemplo.

PARA APROFUNDAR!

Para conhecer mais sobre a vida e a obra de Maiakovski, indicamos a leitura do artigo *O mar da história é agitado: 90 anos sem Maiakovski - Uma homenagem ao poeta da Revolução* escrito por Bruna Reis e Maritania Camargo e publicado na América Socialista 17. Compre pelo QR Code abaixo:



Ou acesse:
www.livrariamarxista.com.br



INTERNACIONAL

Congresso Mundial da CMI

Marxistas se reúnem em um momento de intensificação da luta de classes

| FERNANDO LEAL

Após quatro anos de encontros virtuais, devido à pandemia, a Corrente Marxista Internacional (CMI) volta a realizar um encontro internacional de forma presencial, o Congresso Mundial da CMI acontece entre os dias 6 a 13 de agosto de 2023, em Bardonecchia, no Norte da Itália. A pandemia impôs a suspensão do Congresso Mundial de 2020, que já estava em preparação, fomos obrigados a uma profunda mudança em nossos métodos organizativos. A CMI provou, graças a seus militantes, que pode rapidamente se adaptar a novas condições para o trabalho revolucionário. Realizamos o Congresso em 2021 de forma on-line, conseguimos reunir camaradas de todos os continentes na mesma transmissão virtual.

Agora, em 2023, as discussões políticas irão ocorrer no mesmo ambiente físico, esta é a melhor forma de conduzir o trabalho e definir as tarefas de uma

organização revolucionária. A discussão presencial é insubstituível e os marxistas poderão reencontrar camaradas de todas as seções e trocar experiências. O trabalho presencial cotidiano também está voltando às condições anteriores em todas as seções.

O Congresso acontece em um momento em que a Luta de Classe se intensifica cada vez mais, em todo o mundo. Explosões sociais são cada vez mais constantes e seu patamar organizativo e nível político avançam sempre. Um levantamento em um dado país influencia imediatamente outros países. Observamos o aumento do número de greves na Grã-Bretanha, com destaque para a greve dos metroviários e motoristas de ônibus; na França, uma situação pré-revolucionária foi aberta na luta contra a reforma da previdência e o governo Macron, dias de greve geral, categorias realizando greves por tempo indeterminado, manifestações de massas, embates com a polícia e cartazes recordando o Maio de 68; no Sri Lanka

o poder esteve de fato nas ruas, quando o governo foi expulso do palácio presidencial, na luta contra a carestia; até mesmo nos EUA acompanhamos um aumento do número de greves, hoje os atores e roteiristas de Hollywood estão em greve, e contam com o apoio dos Teamsters e outros sindicatos importantes. Também nos EUA tivemos as grandes manifestações do Black Lives Matter, após o assassinato de George Floyd, em 2020.

A crise econômica se aprofunda e a classe trabalhadora e a juventude sentem a necessidade de se organizar cada vez mais

A crise econômica se aprofunda e a classe trabalhadora e a juventude sentem a necessidade de se organizar cada vez mais. Muitos chegam à conclusão que não basta

se manifestar nas ruas e voltar para casa, devolvendo o poder aos políticos tradicionais. E quando entram em cena novos personagens políticos oriundos do movimento operário ou da pequena burguesia, rapidamente se adaptam e se dobram às imposições econômicas da burguesia, através das corrompidas instituições da classe dominante como o Fundo Monetário, a Reserva Federal, o Banco Central Europeu, entre outros organismos. Estas instituições só têm uma resposta aos trabalhadores frente à crise, sacrifícios, sacrifícios e mais sacrifícios, o que contrasta escandalosamente com o acúmulo de riqueza nas mãos dos velhos e novos bilionários, que se fortalecem e aumentam seu clube à medida que a crise se aprofunda para bilhões de seres humanos no planeta.

É neste sentido que a campanha “Você é Comunista?” impulsionada por nossos camaradas britânicos foi lançada. A campanha teve um grande resultado com dezenas

de novos contatos toda a semana, e novas adesões. Diversas seções da CMI já deram início à campanha “Você é Comunista?” e nós da seção brasileira estamos iniciando aqui também (ver editorial). Sabemos da radicalização da juventude frente à piora das condições de vida e falta de perspectiva de futuro neste sistema capitalista. Esta insatisfação se expressou na luta pela revogação do Novo Ensino Médio, na vitória sobre Bolsonaro nas urnas; e se manifestará cedo ou tarde em novas lutas, apesar dos freios das direções tradicionais da classe trabalhadora.

A CMI cresceu significativamente no período da pandemia e mantém seu crescimento na volta gradual ao trabalho presencial. Nossa internacional já é uma referência para a vanguarda da classe trabalhadora e da juventude de todo o mundo. Apesar de todos os avanços, ainda é muito pouco diante das tarefas que temos pela frente, mas este Congresso revela que estamos no caminho certo. No momento em que este jornal está sendo publicado e distribuído, o Congresso Mundial estará sendo realizado. Voltaremos de lá com forças renovadas para construir a seção brasileira. Se você é um comunista, junte-se à Esquerda Marxista.

Acompanhe o Congresso Mundial da CMI

No momento em que essa edição é distribuída, o Congresso Mundial está acontecendo. Acompanhe a Esquerda Marxista no Tiktok e Instagram e fique por dentro da cobertura dos principais momentos!

